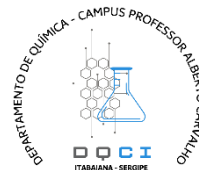




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO**  
**PROFESSOR ALBERTO CARVALHO**  
**DEPARTAMENTO DE QUÍMICA - DQCI**



**A PERCEÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O  
PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO  
UNIVERSITÁRIO**

VICTOR MANOEL CALIXTO

ITABAIANA – SE

2025

Victor Manoel Santos Calixto

**A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O  
PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO  
UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe – *campus* Professor Alberto Carvalho, como requisito para aprovação na atividade de Trabalho de Conclusão de Curso, conforme anexo VII da Resolução n. 27/2020 do CONEPE.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Moacir Dos Santos Andrade

**ITABAIANA – SE**

**2025**

Victor Manoel Santos Calixto


## **A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprimento, conforme anexo VII da Resolução n. 27/2020 do CONEPE que aprova alterações no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Química Licenciatura do *campus* Universitário Professor Alberto Carvalho.

Área de concentração: Ensino de Química

Data de Aprovação: 02/09/2025


Banca Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Tavares de Jesus e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leia de Andrade

Documento assinado digitalmente  
 **MOACIR DOS SANTOS ANDRADE**  
Data: 11/09/2025 16:43:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr Moacir dos Santos Andrade (Orientador)

Universidade Federal de Sergipe


Documento assinado digitalmente  
 **LEIA DE ANDRADE**  
Data: 07/10/2025 17:39:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leia de Andrade

Universidade Federal de

Sergipe

Documento assinado digitalmente  
 **LARISSA TAVARES DE JESUS**  
Data: 08/10/2025 07:59:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Tavares de Jesus

Universidade Federal de Sergipe

**ITABAIANA – SE 2025**

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus por tudo, tendo em vista a minha fé e crença, onde a partir dela, fui acalentado e acolhido perante as dificuldades da vida e principalmente da universidade, agradeço também a minha mãe, Edileuza Bispo dos Santos, que me apoio durante toda minha trajetória dentro e fora do meio acadêmico, ela que foi mãe, pai e amiga durante toda minha vida. Agradeço a Samara Santos Calixto, minha irmã que também sempre me motivou a continuar nessa jornada e que graças a toda luta dela sendo mãe atípica, me inspirou a trabalhar em uma pesquisa voltada ao tema.

No meio acadêmico, quero agradecer a todos meus colegas de turma e que conheci dentro da UFS, João Augusto, Wanderson Araujo, Maria Flaviane, Caislayne Salles, Vanessa dos Prazeres, Maria Indaiá, Lucca Philipp, João Gabriel, David Patrick, Fábio, Carine, Raiane Gois, Douglas, Mavi e Mylena Vitória, que estiveram muito presente nessa etapa final para produção do TCC. Todos esses, que me acompanharam durante todo percurso acadêmico, foram alicerces importantíssimos nessa jornada.

Agradeço também a banca examinadora, composta por Dra. Leia de Andrade e Dra. Larissa Tavares. Agradeço à Universidade Federal de Sergipe por todo o aprendizado que contribuíram para o meu crescimento. Meu reconhecimento também aos docentes do Departamento de Química, essencialmente ao professor Dr. Moacir, que aceitou minha proposta de pesquisa e me apoio do início ao fim de todo processo de produção

## **RESUMO**

A Educação Inclusiva busca diferentes formas de integrar o aluno à sala de aula, promovendo metodologias inovadoras que contribuem para a construção de um ambiente de aprendizado acessível e acolhedor para todos. Dentro deste contexto de Inclusão, o Transtorno de Espectro Autista (TEA), vem ressaltando um conhecimento profissional e aprofundamento no processo de ensino inclusivo. Para compreender o processo de inclusão e permanência, no âmbito universitário, objetivou-se analisar a percepção de estudantes com TEA sobre este processo. Os participantes desta pesquisa foram 3 estudantes diagnosticados com TEA, do campus Alberto de Carvalho da Universidade Federal de Sergipe. Usando como base metodológica uma abordagem

qualitativa e análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). A partir da análise foi possível observar cinco categorias: “Acolhimento”, “Acessibilidade e Suporte pedagógico”, “Sociabilidade”, “Experiência Acadêmica” e “Química e TEA”. Com isso, os resultados diferentes experiências e vivências, mas que principalmente remetem a dificuldades encontradas na jornada acadêmica que influenciou na aprendizagem, indicam mudanças na estrutura institucional, indo de setores até mesmo professores, trazendo uma reflexão mais inclusiva e incentivando cada vez mais pesquisas em torno do tema.

**Palavras-Chave:** Educação Inclusiva; TEA; Pessoas com Deficiência

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	14
<b>2.1 Objetivo geral</b> .....	14
<b>2.2 Objetivos específicos</b> .....	14
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
<b>3.1 Transtorno do Espectro Autista</b> .....	15
<b>3.2 Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação (TDIC)</b> .....	15
<b>3.3 Ensino de química e ciências na educação inclusiva</b> .....	16
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	18
<b>4.1 Abordagem</b> .....	18
<b>4.2 Participantes</b> .....	18
<b>4.3 Instrumentos</b> .....	18
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	20
<b>5.1 Acolhimento</b> .....	20
<b>5.2 Acessibilidade e Suporte pedagógico</b> .....	21
<b>5.3 Sociabilidade na universidade</b> .....	24
<b>5.4 Experiência Acadêmica</b> .....	27
<b>5.5 Química e oTEA</b> .....	30
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
<b>APÊNDICE A: Questionário</b> .....	37
<b>APÊNDICE B: Tabela de Respostas</b> .....	37
<b>ANEXO 1-Termo</b> .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva pode auxiliar na não exclusão de pessoas com deficiência, Pessoas com Deficiência (PcDs), necessitam cada vez mais de um processo de inclusão no âmbito formativo de aprendizagem. O que demanda uma vasta compreensão sobre os problemas associados a cada deficiência, seja ela física ou mental. Neste sentido, deve-se cada vez mais obter uma formação docente qualificada e que se alinhem a melhores processos metodológicos para o ensino (Canal et al., 2024).

Uma vez que um docente tem conhecimento de como trabalhar com esse aluno em sala de aula, mas abre caminhos para a inclusiva em sociedade como um todo. Uma vez que visamos a escola como o principal e primeiro ambiente de socialização da criança e do adolescente, ou seja, se ele se sentir acolhido na escola, se sentirá incluindo também em sociedade.

Levando pelo contexto histórico das PcD, o estigma é algo que esteve presente socialmente na vida dessas pessoas, desde a Grécia antiga, com os Espartanos abandonando seus filhos que nasciam com algum tipo de deficiência, levados pela ideia de não servirem para sociedade e para a guerra, que era o contexto que se vivia naquele tempo. E muitos ainda se levam pela perspectiva de inutilidade do ser humano com deficiência, da idade média até mesmo hoje em dia, onde muitos são excluídos socialmente (Canal et al., 2024).

Ter essa ideia histórica das PcD se faz necessário uma vez que o transtorno do espectro autista vem sendo presente no dia a dia e no cotidiano, considerado por muitos como algo teoricamente “novo” na medicina, com o termo sendo aplicado desde 1908, primeiramente a pessoas com esquizofrenia e logo em seguida, o termo foi se aplicando a pessoa que segundo especialistas “viviam no seu mundo interior”, o que realmente é uma percepção geral das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Cabral e Marin, 2017).

Em relação a educação de crianças e adolescentes com autismo, pouco se tinha sobre, já que desde o processo de diagnosticar até o de educar, se torna algo variável e complicado, é uma condição que varia em níveis e percepções, onde até hoje, pais e mães não aceitam o diagnóstico, ou apenas ignoram a possibilidade de alguma neurodivergência no filho (Favacho et al., 2023).

Segundo dados do IBGE, cerca de 2 milhões de pessoas no Brasil, carregam esse espectro, o que corresponde a 1% da população, apesar de não ser um dado exato, não é questionável, já que se vê a crescente de casos relacionados a esse transtorno, o que se remete novamente a questão educacional, e se existe mesmo uma preparação dos profissionais docentes para atender a demanda de alunos com TEA (Brasil, 2022).

Relacionado a educação de pessoas com TEA, pode-se mencionar a Lei nº 12.764/2012 que garante a essas pessoas, direito a educação sem exclusão social. Assim, desde dezembro de 2012, que é necessário e obrigatório a educação dos indivíduos desse espectro, porém, existe a necessidade de se preparar os professores para as especificidades das situações que acompanham esse tipo de aluno.

O espectro autista varia de pessoa para pessoa, e analisando isso em sala de aula, onde muitos se veem com vários outros alunos com níveis e necessidades diferentes de autismo, surge uma necessidade de se analisar as percepções do professor diante aquela situação (Brasil, 2012).

Docentes da área de ciências da natureza, já passam por vários obstáculos na educação, pela complexidade de vários conteúdos, outros pela diferença de percepção dos alunos referente a disciplina em si e por aí vai. Porém, quando pensamos no autismo em sala de aula, a situação se torna ainda mais difícil, como tais professores dessas áreas de conhecimento como: Química, Física e Biologia podem atuar perante alunos com TEA. Então visando essa dúvida e obstáculo que se faz necessário cada vez mais se aprofundar sobre a temática, pesquisando e estudando, aperfeiçoando metodologias em sala de aula e até mesmo inovando na educação como um todo (Cavalcante, 2019).

A justificativa desse trabalho baseia-se, primeiramente, pelo crescimento do número de diagnósticos nos últimos tempos, principalmente no estado de Sergipe, e uma escassez de trabalhos voltados a temática em relação a educação inclusiva para o ensino. Desse modo, se faz necessário investigar sobre a relação desse transtorno e seus impactos no ensino aprendizagem, a fim de facilitar a inclusão desses nas universidades e nas escolas.

Em segundo lugar, apresenta-se um motivo pessoal, relacionado ao contexto familiar, no qual há um integrante de seis anos diagnosticado com TEA. Essa vivência despertou o interesse em investigar de como está sendo construída a preparação docente

para o atendimento desse público. No entanto, durante o processo formativo da graduação foi notório a ausência de uma preparação consistente voltada à pauta da inclusão social no processo formativo docente.

Dessa forma, surgiu a necessidade de desenvolver este trabalho, buscando investigar de que maneira esse transtorno influencia a trajetória acadêmica do estudante e como a instituição universitária pode aprimorar suas práticas, de modo a promover uma inclusão efetiva para todos.

## **2.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar a percepção de estudantes com Transtorno do Espectro Autista sobre o processo de inclusão e permanência no âmbito da Universidade Federal de Sergipe, Campus Alberto de Carvalho.

## **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar a percepção discente acerca do processo de inclusão e acolhimento Institucional;
- Investigar a compreensão dos estudantes com TEA acerca do processo de aprendizagem, relação aluno-aluno e aluno professor.

## **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **3.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

Segundo o Ministério da Saúde, o Transtorno do Espectro Autista dificulta o neurodesenvolvimento do indivíduo, desde a dificuldade em comunicação e aprendizagem básicas, como se sentar e comer, até aprendizagem mais complexas como ler e escrever. São essas características que facilita o processo de diagnosticar uma pessoa com o espectro, além da repetitividade de gestos e grande dificuldade de interação social (Brasil, 2022).

Porém, Santos (2022) relata que nem todas as pessoas com TEA terão as mesmas condições neurodivergentes, ou seja, as condições desse transtorno variam de pessoa para a pessoa, diferentemente das doenças, que apresentam o mesmo sintoma e segue uma dificuldade semelhante. O autismo apresenta diferenças de acordo com o neurodesenvolvimento de cada um, alguns casos apresentarão sintomas mais severos, como agressão, irritabilidade, afasia e crises contínuas durante o dia, já outros apresentarão calma e até comunicação, contudo, cabe ressaltar que, independentemente do nível, existe a necessidade de um apoio.

### **3.2 Acolhimento do estudante com TEA**

A ideia de acolher um discente com alguma deficiência é necessária no âmbito educacional, tanto no ensino básico, quanto numa graduação, a fim de trazer uma boa imagem da instituição e fazer o aluno se sentir pertencente no ambiente. Porém essa questão na discussão de educação inclusiva de alunos com TEA aparenta ser complexa, uma vez que o acolhimento favorece na permanência do aluno no curso ou colégio.

“A chegada e a permanência de autistas nos cursos de graduação, tanto em cursos de bacharelado, quanto, principalmente, nas licenciaturas, têm se mostrado uma preocupação desafiadora a Professores da academia e a Supervisores de estágios obrigatórios [...]” (Contiero, 2022, p 2).

Através de observações feitas referente ao tema, é notório uma nova preocupação das instituições em manter esses alunos inclusos em seu ambiente educacional, provando assim, a necessidade de discutir, pesquisar e refletir sobre maneiras e mecanismos pedagógicos que facilitem esse processo ao novo aluno. Conseqüentemente, favorecendo a permanência dele na educação e diminui a exclusão, e caso o oposto venha a ocorrer, cabe a instituição buscar entender as dificuldades do

estudante diagnosticado e como esse processo dificultou ou facilitou a permanência dele.

Segundo Cordeiro (2023) há uma escassez de discussões sobre estudantes com TEA no ensino superior, poucos documentos científicos são produzidos em relação a esse tema e assim, dificulta ainda a compreensão sobre ele. Nesse contexto, existe a necessidade de ampliação da temática referente ao ambiente universitário, visto que ao longo dos anos a demanda vem aumentando e tornando necessário o conhecimento em relação a essa demanda de estudantes com tal transtorno.

De acordo com Neto et al. (2023), outro fator que favorece a permanência desses estudantes na universidade, é o conhecimento de seus direitos e das medidas de inclusão e adaptação psicopedagógicas disponíveis na instituição, bem como a forma de acessá-las. Um exemplo é a oferta de apoio pedagógico adequado, como o direito a tempo adicional para a realização de provas, além da utilização de metodologias adaptadas às necessidades dos alunos com TEA. Entretanto, muitos desconhecem esses direitos acadêmicos, enquanto outros relatam dificuldades relacionadas a barreiras sociais ou à presença de comorbidades que interferem em sua adaptação ao ambiente universitário.

Quando voltado para o acolhimento e inclusão na Universidade Federal de Sergipe, tem em ativa Resolução Nº 49/2023/CONSU, onde nela reafirma normativas que tratam discentes PcDs, dispondo sobre os direitos acadêmicos de alunos da UFS

Concernente à UFS as seguintes resoluções relacionadas as PcDs discentes:

Resolução nº 05/2014/CONEPE: Dispõe sobre os direitos acadêmicos de alunos da UFS com necessidades educacionais especiais. (UFS, *on line*, 2014);

Resolução nº 08/2014/CONEPE: Institui o Programa de Tutoria Inclusiva de apoio acadêmico a estudantes com necessidades educativas especiais na UFS. (UFS, *on line*, 2014);

Resolução nº 06/2014/CONEPE: Institui o Programa de Ações Inclusivas na UFS (UFS, *on line*, 2014);

Resolução nº 08/2016/CONSU: Altera Normas que tratam de Auxílio à Assistência Estudantil da Universidade Federal de Sergipe. (UFS, *on line*, 2016).

### **3.3 Ensino de química e ciências na educação inclusiva**

Seguindo a Lei nº 12.764/2012, que mostra a pessoa com TEA direito a educação e a todos os outros direitos que uma pessoa com deficiência tem garantia, a inclusão social, a educação e a adaptação necessária para se viver em sociedade. Tendo em vista a lei, aprovada desde dezembro de 2012, traz consigo a necessidade e importância de se trabalhar em sala de aula sem excluir os alunos diagnosticados com autismo, uma vez que existe práticas metodológicas para se aperfeiçoar e melhor incluir esses indivíduos (Brasil, 2012).

O docente quando for trabalhar com um aluno com TEA ou outras dificuldades neurodivergentes como o TDAH, terá que fazer adaptações da sua aula, mudanças no seu plano de aula, maneira como aborda os conteúdos e até mesmo atividades que possam facilitar o processo de aprendizagem. E claro, isso se encaixa ao ensino de ciências, o docente tendo em mente a necessidade daquele aluno, não poderá excluir da sala de aula e do processo de aprendizagem dele, surge então a necessidade do professor, com apoio do núcleo familiar e da instituição escolar, promover melhorias que auxiliem a inclusão desse aluno, independente do grau de autismo dele (Canal, et al., 2024).

Segundo Silva, Leão e Lima (2023), no ensino de química, o que auxilia nesse processo de ensinar a um aluno com TEA, seria o uso de metodologias lúdicas, aplicados ao plano de aula e voltados para uma compreensão mais ampla de todo conteúdo químico, partindo da teoria química, a produção de materiais didáticos como gincanas, simulações e experimentações em sala de aula, assim, trariam uma dinâmica diferente no aprender do aluno, tornando ele mais incluso na aula, muitas vezes esses processos metodológicos atraem tantos os alunos com dificuldades de aprendizado como os do espectro, quanto os alunos sem o transtorno.

O trabalho de Cavalcante e Oliveira (2019), traz um levantamento de dados bibliográficos em relação a temática de ensino de química a alunos com TEA, e ao fim da pesquisa, se mostra necessário a adaptação metodológica para esse aluno, ressaltando a importância de se trabalhar e modificar as metodologias aplicadas pelos docentes em sala de aula e como elas podem moldar o conhecimento para esse público neurodivergente (Cavalcante, 2019).

Segundo o relato de Wébia (2022), é necessário refletir a formação de docentes em relação a educação inclusiva e como ela pode estar agregada ao ensino, principalmente ao ensino de química e ciências como um todo. Torna-se cada vez mais relevante desenvolver pesquisas no âmbito do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua relação com o ensino de Química, sobretudo diante do crescimento contínuo do número de estudantes com esse diagnóstico a cada ano e da necessidade de aprimorar a formação docente para uma atuação mais preparada e inclusiva em sala de aula.

## **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 Abordagem**

A pesquisa realizada está inserida na abordagem qualitativa, de acordo com Flick (2009, p. 16) “A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível”, ou seja, é uma prática que faz várias representações de coletas de dados, a escolha desta metodologia se deu graças a sua eficácia no processo de entender e compreender os dados nela coletados.

### **4.2. Participantes**

A pesquisa foi realizada com estudantes diagnosticados com TEA, a fim de fazer um levantamento da perspectiva deles diante a permanência e vivência em seus respectivos cursos de graduação na universidade federal de Sergipe e analisar melhorias que podem ser aplicadas a mesma. Os participantes foram codificados e classificados como “P1, P2 e P3” significando, respectivamente, participante 1, 2 e 3 presentes na pesquisa, nome e dados pessoais não serão divulgados, portanto o uso das codificações apresentadas. Vale ressaltar, que cada participante esta ou estava matriculado em algum curso da universidade, sendo eles, química, sistemas de informação e pedagogia.

### **4.3. Instrumento de coleta de dados**

Segundo Fachin (2006), o questionário refere-se a um conjunto de perguntas estruturadas com o objetivo de obter dados para análise em uma pesquisa. Assim, levando em consideração a sua facilidade em obtenção de informações e dados, essa metodologia acaba se tornando necessária e útil em uma pesquisa qualitativa como essa,

na qual objetivou-se a compreensão e análises das experiências e perspectivas apresentadas.

Portanto, foi efetuado um questionário, aplicado presencialmente (Apêndice A) e nele perguntas e questões que seguirão uma linha de raciocínio diante a problemática do aluno com TEA na universidade, tendo em vista muitas pessoas diagnosticadas com o transtorno e a necessidade de uma melhora nos sistemas educacionais, aonde se faz útil e importante a coleta qualitativa dos estudantes universitários que sofrem desse transtorno.

A partir desse questionário, será feita uma análise de como o autismo está inserido nas suas vidas acadêmicas, atrapalhando ou não o indivíduo.

O levantamento de dados em relação aos alunos que estariam dentro do espectro autista da Universidade Federal de Sergipe (UFS), *campus* Professor Alberto de Carvalho foi feito juntamente com o Setor de Serviço de Apoio à Acessibilidade, Inclusão e Diversidade (SAID).

Após este levantamento foi realizada a aplicação do questionário (Apêndice A, pág. tal), que foi antecipadamente validada por docentes e um aluno recém-formado com TEA. Seguindo os termos de ética do comitê internacional e garantindo um anonimato e a liberdade de participação dos alunos. O processo de validação se tornou algo necessário, uma vez que não se pode ir a campo sem antes saber como prosseguir com a metodologia e a ferramenta de obtenção de dados, a validação se torna, a principal forma de se ir a campo mais preparado possível (Flick, 2009).

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas os participantes, foram possíveis identificar um conjunto de percepções e sugestões relacionadas as permanências e acolhimentos. Os dados foram analisados, seguindo a metodologia de estudo qualitativa e análise de conteúdo (Bardin, 2016) e assim foram construídas categorias a fim de qualificar melhor as suas perspectivas e destrinchar ainda mais as problemáticas e suas experiências vividas. Neste sentido foram categorizados em cinco categorias: Acolhimento, Acessibilidade e Suporte pedagógico, Sociabilidade, Experiência Acadêmica e Química e TEA

### 5.1. Acolhimento

Após análise do questionário, especificamente para questão 4 (Apêndice A) observou-se um pouco sobre a perspectiva do acolhimento institucional em relação ao TEA, foi apresentado respostas com uma determinada coesão e semelhança. Como observado através das respostas de P2 e P3, na qual alegam não ter recebido o acolhimento adequado, especialmente no que se refere as estudantes com TEA.

O P2 alega ter conhecimento dos seus direitos, porém, encontrou dificuldade em acessar tais informações e setores que lhe facilitasse o processo de acolhimento,

*“[...] acredito que, uma vez que procure meus "direitos", terei bastante apoio da instituição. porém, acho de difícil acesso tais informações...”*

já o P3 não se sentiu acolhido perante a essa temática do TEA. Contudo, P1 trouxe uma boa reflexão em relação a essa questão:

*“Eu considero que a UFS me ofereceu o que ela tinha, o que era possível no momento...” “Se foi adequado, creio que não, pois não há conhecimento suficiente, preparo, e recursos, meios de dar suporte a nós, pessoas com Deficiência...”*

Tais trechos da resposta mostra uma falha nos setores de acessibilidade e de inclusão, falhas essas que podem ser resultado de um local de grande heterogeneidade de pessoas. Na qual, apesar dos possíveis esforços para oferecer um acolhimento, a presente pesquisa mostra que estudantes com TEA necessitam ser mais bem enxergados.

Também é relatado pelo P1, na mesma resposta, um bom acolhimento do DAIN e do SAID, mesmo de forma online, o que auxiliou muito no acolhimento e no pertencimento do participante na comunidade acadêmica e continuar na graduação.

Seguindo o questionamento relacionado ao eixo de **acolhimento institucional**, torna-se imprescindível que as universidades busquem constantemente inovações que favoreçam a permanência e o bem-estar de estudantes com TEA, sobretudo nos períodos iniciais da graduação, quando a adaptação costuma ser mais desafiadora. Com isso, a instituição pode investir em formação docente e de servidores especializadas, a fim de diminuir a cultura excludente dentro do meio acadêmico, tornando cada vez mais a universidade em um ambiente acolhedor e inclusivo (Walter, et al. 2024).

Outro aspecto que fortalece a discussão sobre o acolhimento institucional é a Resolução nº 49/2023/CONSU da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a qual reforça o compromisso com a inclusão das pessoas com deficiência (PcDs) no âmbito acadêmico. Essa normativa representa um avanço significativo nas políticas de acessibilidade e permanência estudantil, ao promover condições equitativas de participação e estimular a criação de espaços cada vez mais inclusivos e acessíveis dentro da universidade. Assim, evidencia-se o papel fundamental da legislação institucional na consolidação de uma cultura de acolhimento e respeito à diversidade, contribuindo para a formação de um ambiente acadêmico mais justo e democrático.

## **5.2 Acessibilidade e Suporte pedagógico**

As questões relacionadas ao apoio pedagógico (questão 2 e 8) presentes na universidade, foi possível obter respostas distintas dos participantes, e isso se aplica a mais de uma questão, com tais resultados, foram feitas observações essenciais associadas tanto a **Necessidade** desse suporte ofertado pela universidade quanto a **Acessibilidade** a ele.

Quando perguntado sobre o apoio pedagógico oferecido pela instituição para fins de estudos e acessibilidade no geral (Questão 2, Apêndice A), o P1 reforça a busca pelo apoio na sua jornada acadêmica e problemáticas referentes, como a falta de acompanhamento psicológico no turno em que era as aulas.

*“[...] estava precisando de psicóloga, mas não tive como ter acesso à psicóloga da UFS porque o horário em que ela atendia (tarde) eu não podia ir, por um tempo, consegui pelo SUS uma psicóloga que me ajudou muito em vários sentidos, Terapeuta Ocupacional que me ajudou a usar abafadores nas aulas pra que eu não chegasse em casa com a cabeça doendo ou não ter sobrecarga sensorial e Fonoaudióloga que buscou me auxiliar em algumas coisas relacionadas a comunicação, assim elas me ajudaram muito em relação à universidade e o TEA [...]”*

Evidencia-se, a partir do relato do participante, a necessidade de buscar apoio fora do ambiente universitário para suprir demandas relacionadas ao desempenho e bem-estar acadêmico. O estudante destacou a procura por acompanhamento psicológico dentro do campus; contudo, recorreu ao sistema público de saúde como alternativa para obter o suporte necessário, por conta da falta de horários que se encaixasse com sua rotina.

Em outro trecho, esse mesmo responde *“[...] A primeira foi a DAIN (Divisão de Ações Inclusivas, que no campus em que estudo, Itabaiana, não tem de forma presencial, mas o pessoal da DAIN de São Cristóvão me dava suporte online) [...]”*

Reforçando a falta desse setor no campus em questão, porém teve todo acompanhamento online até a chegada de outro setor, retratado melhor no trecho:

*“[...] o SAID (Setor de Acessibilidade, Inclusão e Diversidade) chegou ao Campus de Itabaiana onde eu estudava, mesmo não*

*estando aberto no período da noite (horário que estava na UFS) tive muito suporte emocional online em algumas crises. Essa foi a fase mais difícil, mas tive professoras que adaptaram avaliações e atividades para que eu conseguisse dar conta. E a DAIN conseguiu pra mim uma bolsista online, pra me ajudar com a monografia que estava escrevendo, pois o professor orientador identificava meus déficits relacionados ao Autismo que afetava a escrita do TCC [...]*”

Já os participantes 2 e 3 relataram não buscar apoio pedagógico, o P2 relata não ter conhecimento de tal apoio e nem da sua necessidade de apoio na instituição, já o P3 relata a busca por monitorias, mas está associada as disciplinas em que ele encontra dificuldades, monitorias essas que não estão associadas aos setores de acessibilidade como o SAID ou DAIN. Tal informação é notável no trecho apresentado pelo P3:

*“[...] Assim, o único suporte que eu tive era monitoria mesmo, pra tirar dúvidas. Isso é só da disciplina. A minha dificuldade vai depender da disciplina [...]*”

Por fim, foi questionado (Questão 8, Apêndice A) sugestões de como a UFS pode implementar melhorias a fim de uma maior inclusão no meio acadêmico e como isso reflete em uma melhor educação, que abrange muito mais do que apenas o ensino superior. Todos os participantes apresentaram sugestões que muitas vezes eles procuraram e não encontraram na universidade, e melhorias que eles acreditam que possa abraçar cada vez mais alunos desse espectro.

P1 demonstra sugestões referentes a vários contextos que necessitam de uma melhora, primeiramente focando na questão corpo docente e toda comunidade, como apresentada no trecho:

*“[...] Conscientização e preparo a respeito do Autismo por toda a comunidade acadêmica, não só professores, mas é muito necessários os colegas de turma também conhecerem sobre, e terem preparo para saber agir...”*

Em seguida os 3 participantes presentes, tocam no ponto de melhoria no apoio pedagógico e como os setores de acessibilidade pode ser mais visível possível para a comunidade com esse transtorno.

*“[...] O SAID estar ativo na Universidade em horários que pessoas com Deficiência necessitam, como a noite por exemplo. 4- O SAID junto com a DAIN e os departamentos poderiam desenvolver algum projeto relacionado ao desenvolvimento de habilidades dos alunos com TEA...Ter psicóloga no período noturno para dar suporte aos alunos que só podem estar esse horário na universidade.” P1*

*“O principal fator: acompanhamento psicológico. Eu so descobrir que tinha tal condição, depois de meu companheiro de casa e minha namorada praticamente me obrigarem a ir a uma consulta psicóloga da UFS...” P2*

*“Eu acredito que, pronto, as monitorias ajudam muito que ofereça elas para disciplinas que exigem muito esforço...” P3*

Portanto, pode-se avaliar uma perspectiva de necessidade de melhora quando se trata da inclusão de estudantes com TEA no ensino superior, o que reforça cada vez mais, uma melhor inclusão que ocasiona em uma maior visibilidade para essas pessoas e para a universidade e sua comunidade como um todo.

Tais tópicos se tornam relevantes uma vez que visualizamos as diferentes experiências e perspectivas dos estudantes com TEA e essa relação com os setores de apoio, os núcleos de suporte pedagógico voltados para a inclusão se torna necessário aderindo aos estudantes e suas diferentes dificuldades (Neto, et al. 2023). Que retoma a ideia de ser crucial para o funcionamento da instituição e que a inclusão naquele ambiente de fato ocorra sem precedentes para exclusão de nenhum estudante.

### **5.3 Sociabilidade na universidade**

Voltado para questões sociais dos estudantes com TEA no âmbito universitário, para tal categoria, a fim de compreender melhor como funciona a questão social na perspectiva dos participantes, as observações essenciais encontradas foram: **Relação**

**Aluno Aluno e Professor Aluno**, e as perguntas que mais se encaixaram nessa categoria foram a 3 e 5.

### **Relação Aluno Aluno**

Quando questionado sobre o acompanhamento de colegas e amigos no período de estudos e atividades acadêmicas, os três participantes apresentaram respostas semelhantes, mostrando maior interesse em estudar sozinho.

Contudo, o P1 reforça a necessidade de apoio quando vê necessário, em conteúdos complexos e de difícil entendimento. Em sua fala, o participante reforça a sua dificuldade com a linguística:

*“[...] E tenho comprometimento na linguagem pragmática (pensamento literal) então quando interpreto literal as coisas em grupo, se não compreenderem isso fica difícil a interação...”*

**P1**

Porém, novamente é reforçado pelo participante que quando existe um domínio diante o conteúdo abordado, não se vê necessidade de interação para estudos “Assim gosto, mas de estudar sozinha, quando é algo que tenho domínio, que não preciso de ajuda...”

A terceira pergunta do questionário (Apêndice A) é a que se encaixa nesse tópico de relação social entre os alunos, nela os participantes afirmam diferentes experiências em referente a tal questão social. Os participantes afirmam ter dificuldades na socialização, um deles menciona a dificuldade na linguagem e como muitas vezes interfere na compreensão dos colegas a cerca de uma fala dele, esse mesmo reafirma o uso de suporte para matérias e conteúdo que visam maior complicações de compreender.

O P2, já menciona a escolha de estudos sozinhos por conta da dificuldade social encontrada e muitas vezes relacionada ao transtorno, o P3 também apresenta a mesma dificuldade de socializar em meio aos colegas, visto também como um ponto negativo da sua jornada acadêmica (apresentada na questão 6 e 7 do questionário).

Segundo Pinto et al. (2021), os desafios enfrentados por estudantes com TEA no ensino superior estão relacionados a instituição e do estresse do meio acadêmico que

podem gerar vários problemas psicológicos como ansiedade e depressão, mas um dos mais afetados é a questão social do estudante na universidade.

Ademais, é possível relacionar essa problemática às barreiras atitudinais, que se manifestam por meio da falta de acessibilidade, do preconceito e da desinformação presentes nas interações cotidianas com o TEA, indo contra ideia de pertencimento e permanência em um ambiente em que provoca estigmas sociais e dificulta a sociabilidade de estudantes como um todo durante a jornada acadêmica. Por fim, são atitudes que dificultam a inclusão dessas pessoas no meio, e que podem gerar experiências negativas (Rodrigues; Bernadino e Moreira, 2022).

### **Relação Professor Aluno**

Ao serem questionados em relação ao “olhar” discente presente na universidade, os participantes apresentam experiências que vivenciaram a partir da temática do TEA e como os professores auxiliaram ou não em determinados contextos.

O P1 e P2 apresentam uma experiência negativa referente a essa perspectiva docente diante eles em meio acadêmico, o P1 afirma:

*“O olhar deles, segundo minha visão, é de que eu sou inteligente, então não devo me atentar a deficiência, mas segundo minha experiência, minha inteligência não exclui minha deficiência. Me dá entender também que podem pensar que uso o diagnóstico para me vitimizar [...]”*

O que ressalva uma perspectiva “superestimada” por parte dos professores, onde impõem uma alta expectativa para compreensão e domínio de vários conteúdos e uma facilidade a mais em meio acadêmico, o que claramente não acontece, ele também traz uma negativa por parte de professores e alunos que acusam do uso do diagnóstico para benefício próprio, o que remete uma perspectiva capacitista. Ademais, o mesmo participante exalta a falta de preparo dos docentes em relação a sua deficiência, no presente trecho:

*“Eu vejo que tem professores que não sabem lidar, não conhecem o Autismo, acham que o TEA ocorre numa criança*

*que tem Deficiência Intelectual. Vejo professores dispostos a aprenderem e modificarem suas práticas também, mas precisam de preparo para isso [...]*”

Quando analisado o P2, ele também mostra uma resposta negativa em relação a sua experiência, afirmando que os docentes não acreditariam no seu diagnóstico em questão, trazendo uma perspectiva de inexistência da sua deficiência, isso demonstrado no trecho:

*“Sendo sincero, tenho certeza de que meus antigos professores, ao menos a maioria, caso seja confrontado com a informação que eu tinha alguma condição (no caso TDAH/ Autismo leve), acredito que eles não iriam acreditar e até debochar, mas não importa [...]*”

O P3 é o único em que nessa questão, trouxe uma perspectiva mais positiva em relação ao olhar docente, afirmando que certos professores teriam conhecimento da sua deficiência e que facilitaria em processos de aprendizagem, como exemplo, alongar o período para ser feito as provas, destacado na fala do participante:

*“Eu acho que tem uns que sabem. Inclusive, um professor do período passado, ele botava... Pronto, o restante da turma termina a prova 8h30, mas ele botava para quem tem necessidade especiais, foi de... Deixa-me ver, eu acho que foi até, se não me engano, 10h00 ou 9h30.”*

Uma resposta mais positiva e com boas expectativas em comparação aos dois primeiros participantes.

Segundo Canal, Rocha e Santos (2024), é fundamental adotar um olhar de respeito e empatia em relação aos estudantes com TEA. Quando existe uma visão baseada em preconceitos e estigmas voltados ao transtorno autista, evidencia-se a falta de preparo dos profissionais da educação, o que intensifica as dificuldades no trabalho em sala de aula com alunos neurodivergentes, o que reflete em um obstáculo social ainda maior, uma vez que aquele aluno não se sente integralizado no ambiente, ocasionando em problemas sociais que abrangem mais do que a sala de aula, como

isolamento social, problemas de ansiedade, depressão e outras questões emocionais e comportamentais.

#### 5.4 Experiência Acadêmica

Quando feito esse questionamento, é notória a presença de dificuldades relacionadas a acessibilidade e a comunicação entre os presentes no ambiente acadêmico e ao aluno com espectro. No trecho do P1

*“[...] eu tive dificuldade de compreender que eu de fato estava tendo aulas e professores e atividades e que aquilo era um curso...”*

é perceptível a dificuldade inicial de se compreender as aulas e como estava naquele meio acadêmico, o que traz a reflexão de dificuldade inicial na comunicação presente dentro e fora da sala de aula.

Outro trecho de resposta do P2, também reforça essa problemática inicial de inclusão a comunidade acadêmica, enfatizando a baixa comunicação entre aluno com a universidade “

*[...] pois não tinha nenhuma informação prévia do que fazer, bem como, a professora não tinha interesse em explicar e muito menos empatia comigo...”*

Já o P3 enfatiza sua personalidade tímida e uma dificuldade maior em relacionar-se com a turma em que estava inserida no início da sua graduação, trazendo uma reflexão inicial, tal participante associa essa dificuldade social ao TEA.

Nos pontos positivos em relação ao TEA e a universidade, temos perspectivas diferentes em cada participante, porém, pode existir uma semelhança no contexto geral, uma vez que esses pontos positivos a sociabilidade, a integração em sala de aula e até mesmo um melhor desenvolvimento do discente no meio acadêmico.

O P1, traz um ponto interessante relacionado ao seu hiperfoco e como isso auxiliou na conexão desse tema a universidade, e logo em seguida, o participante traz

uma melhoria no desenvolvimento pessoal e como a descoberta do TEA foi um impulso na graduação para se conhecer cada vez mais.

*“[...] e me interessei no assunto, fiquei obcecada pelo tema, estudei muito sobre, me identifiquei, e fui buscar investigar isso, fazer avaliações, consultas, até que tive o diagnóstico comprovado. Si, o Autismo também influenciou, pois o tema virou meu hiperfoco e assim eu descobri o diagnóstico [...]”*

O P2 traz uma melhora na sua percepção universitária, ressaltando melhoria no desenvolvimento e engajamento em projetos, seminários e desenvoltura melhor da oratória e pensamento crítico em determinado conteúdo da graduação. Tudo isso destrinchado e apresentado no trecho:

*“[...] minha percepção sobre o que eu posso fazer sozinho intelectualmente melhorou bastante, minha habilidade para fazer trabalhos visuais, oratória em público e trabalho em conjunto também melhoraram bastante. Adorava fazer projetos, dedicava muito tempo da minha neles [...]”*

Já o P3 relata uma melhoria na comunicação, o que pode ser algo interessante a se relacionar e lembrar da primeira questão apresentada, onde se é perguntado a maior dificuldade inicial e uma delas seria a comunicação inicial com colegas de turma, ressaltando uma superação desse desafio e uma ótima expectativa nas relações deste com a comunidade no geral.

*“[...] Formei amizade com o pessoal. Tenho uma boa relação com a minha turma [...]”*

O mesmo também relata a monitoria como um ponto positivo de apoio em determinadas disciplinas, ressaltando a importância do apoio pedagógico dentro dos departamentos e disciplinas ofertadas pelos cursos.

*“[...] Também a monitoria me ajudou muito a... A passar em P1 (Programação 1) [...]”*

Já no contraposto da última questão, a sétima questão refere-se aos pontos negativos vivenciados e como o TEA está ligado a eles, ou influenciou tais pontos. O P1 relata seus principais pontos negativos voltados a interação social, que resultaram em

problemas de saúde e que o fez questionar muitas vezes em desistir da vida acadêmica principalmente na fase final do seu curso, outro ponto foi o bullying sofrido durante o processo de graduação, onde alega que afetou gravemente e interferindo no seu desenvolvimento dentro da universidade.

*“Interação Social - sim, o TEA impactou tristemente nisso, muitas vezes quis desistir do curso, precisei voltar para o psiquiatra e tomar medicação pra aguentar finalizar a monografia, fui parar em hospital, tive crises nas aulas [...], mas também houve bullying por parte de pessoas [...].”*

O P2 e P3 trouxeram respostas relatando uma problemática semelhante a anterior respondida pelo P1, nela, é relatada a dificuldade de interação social e como o ambiente acadêmico trouxe fobias que impossibilitava ele de se comunicar e de se sentir confortável na universidade.

*“Fiz poucos amigos, assim como sempre, sei que foi uma dificuldade que sempre tive, acredito que minha condição tenha contribuído. Em certo momento, no final da minha participação presencial na universidade, desenvolvi algumas fobias, evitava sair de casa, principalmente para ir à universidade...” P2*

*“Então essa é a questão mais ou menos da comunicação. O que eu vou ler a pouco a pouco, não sei se tem uma resposta boa para essa pergunta, mas quando estiver em turmas diferentes e eu não conseguir desenvolver minhas amizades com eles, porque tem pessoal que está com um grupinho já [...].” P3*

Ademais, outra problemática apresentada por tal participante, seria a dificuldade de apresentações e seminários, o que pode ser reflexo da interação social dificultada. Também, pode-se analisar que todos os três participantes apresentam semelhanças em seus pontos negativos, todos associados a comunicação e a integração dentro da universidade e como isso interfere no desenvolvimento acadêmico de cada um.

No fim, foi feita uma última questão a fim de compreender a experiência acadêmica dos participantes como um todo e como podemos analisar tais experiências em dificuldades, acessibilidade ou até mesmo em condições que possam melhorar o

ambiente acadêmico para estudantes com TEA. Os participantes ficaram livres para expressarem sua vivência na universidade e como o Transtorno dificultou ou não isso, o P1 ressalta que o transtorno deixou as coisas mais difíceis, porém, auxiliou a reconhecer-se e se encontrar integralizado no ambiente em questão e se conhecer cada vez mais fora a universidade, tal afirmação é destacado no trecho:

*“O TEA influenciou na minha jornada tornando as coisas bem difíceis, mas também me ensinando coisas da vida, como por exemplo, reconhecer minha pequenez cada vez mais, e entender o porquê eu era diferente [...]”*

O P2 afirma coisas boas e ruins ao decorrer da carreira acadêmica, ressaltando como isso varia de acordo com seu gosto pessoal e seu empenho naquilo que está inserido, e isso tem influência com o professor em questão e como funciona sua metodologia.

*“[...]quando eu gosto do que vou fazer, simplesmente faço com toda a dedicação do mundo, mas se o professor começar a brigar comigo, minha mente para na hora [...]”*

Já o P3 reafirma a importância de inclusão dentro da universidade, em busca de melhorias que auxiliem no desenvolvimento social, o participante também ressalta a necessidade de mais trabalhos voltados para essa temática na instituição, a fim de combater ainda mais a exclusão e trazendo mais visibilidade aos estudantes com TEA.

*“[...] esse trabalho foi muito bom, e é muito importante também para conhecer como é que se passa a universidade, principalmente para as pessoas do espectro autista, as dificuldades que elas estão passando, ou o que elas conseguiram, superaram os desafios [...]”*

A discussão acerca das experiências vividas por universitários com TEA é de extrema relevância, uma vez que tais vivências são influenciadas por múltiplos fatores que podem repercutir positiva ou negativamente em sua trajetória acadêmica, como as interações sociais, a existência (ou ausência) de condições de acessibilidade e o suporte institucional disponível ao longo do percurso formativo. Nesse sentido, torna-se imprescindível que a universidade esteja preparada para enfrentar essas demandas,

adotando práticas que simbolizem a inclusão social dentro do meio acadêmico e favoreçam a permanência desses discentes dentro da instituição (Walter, et al. 2024).

### 5.5 Química e o TEA

Quando relacionado à Química, ou ao ensino de Ciências de forma ampla, o TEA apresenta-se como um desafio particularmente complexo. Tal dificuldade decorre, muitas vezes, da exigência de compreender conceitos abstratos e pouco concretos característicos da Química, o que impacta diretamente o planejamento pedagógico, as estratégias metodológicas empregadas em sala de aula e a experiência do estudante como um todo. Nesse contexto, vincular essas duas áreas (TEA e química) torna-se essencial e de suma importância para a inclusão educacional e conseqüentemente, uma melhoria na sociedade de modo geral (Mendes,2024).

Vale mencionar, a presença de um participante matriculado no curso de Química licenciatura, então, buscou-se respostas a partir de uma perspectiva do aluno deste curso, mas com a visão do TEA, ou seja, a fim de unificar e entender o processo de inclusão dentro do ensino de ciências e química. Pensando nesse contexto foram criadas duas perguntas voltadas para questões associadas ao TEA, a fim de facilitar o processo de análise e conectar a temática ao ensino e formação de professores de química, e de outras áreas de modo geral.

Neste sentido, quando foi perguntado **“Em relação ao curso de Química e o TEA, descreva um pouco como foi (ou está sendo) essa trajetória acadêmica. Suas perspectivas durante a graduação”** o mesmo descreve como uma problemática, a cobrança excessiva pelas entregas de trabalho e o tempo que segundo o próprio participante, era pouco para o tamanho de tanta demanda cobrada pelo curso.

*“...Tenho certeza de que preciso de mais tempo para fazer as atividades da Universidade. Cito as entregas de relatórios individuais ou atividades de sala de aula que necessitam de trabalho mais complexo, seja de habilidade manual ou escrita/cognitiva. Sempre tive problema com o tempo de entrega. e esse "pouco" tempo sempre me prejudicou.”*

A fala do participante mostra-se relevante, pois evidencia que as exigências acadêmicas, muitas vezes excessivas, podem provocar no universitário uma sensação

constante de sufocamento. Essa sobrecarga não se limita apenas ao aumento das tarefas e responsabilidades, mas também se reflete em uma pressão contínua por desempenho, o que pode desencadear consequências negativas tanto para a saúde física principalmente, para a saúde mental. Nesses casos, é comum que os estudantes experimentem sintomas como estresse, ansiedade e desmotivação, que comprometem não apenas sua qualidade de vida, mas também o processo de aprendizagem.

Em seguida, foi questionado ao participante **“Sabe-se que a compreensão da química passa por modelos abstratos. Neste sentido, você acredita que essa abstração e o TEA pode influenciar na sua trajetória dentro do curso. Descreva um pouco sobre isso”**. Onde, inicialmente o participante responde, que nem todos terão a mesma dificuldade dentro do TEA, ou seja, ocorre uma variação na forma de compreender de cada um, o também ressalta a necessidade e o tempo que cada aluno precisa para absorver corretamente cada conteúdo abordado, destacado no trecho:

*“[...] Cada pessoa com TEA terá a sua especificidade, e com isso, maior e menor dificuldade em entender os conceitos. Uma questão importante é o tempo para aprender esses conceitos [...]”*

Ele retoma a ideia de que o tempo influencia muito na questão de aprendizagem e traz o exemplo do calendário acadêmico e de possíveis greves que enfrentou durante a graduação, que interferiram gravemente no seu aprendizado e na formação de uma rotina mais contínua e que facilite seu estudo.

*“[...] Atualmente, em que greves e calendários que não levam em conta o tempo para o aluno de fato estudar e aprender o conceito, leva a um acúmulo de conteúdos em todas ou quase todas as matérias[...] O calendário nasce ruim e torna-se pior à medida que se desenvolve os dias e chegam os feriados e dias quebrados entre uma aula e outra [...]”*

Por fim, o mesmo ressalta que a maior dificuldade não está na abstração dos conteúdos e nem na química de modo geral, e sim, no excesso de conteúdo ofertado pelas grades curriculares e a escassez de tempo ofertado para se absorver tais conteúdos adequadamente, ele ressalta também que tais problemáticas afligem todos como um todo, não só interferindo os estudantes com TEA.

*“[...]Parte do problema de não aprender está no aluno, que às vezes não estuda nos feriados, mas a quantidade de conteúdos, junto a quantidade de matérias na grade curricular e o calendário acadêmico, acho que são fatores que não devem ser tirados da equação quando falamos em dificuldades em aprender conteúdos abstratos. Sejam alunos com TEA ou não, os envolvidos [...]”*

Tal perspectiva valoriza a experiência do estudante como elemento central na análise de como as metodologias podem tornar-se mais inclusivas no ambiente universitário. O objetivo é formar educadores conscientes das demandas da inclusão, capazes de aplicar esse conhecimento em sua prática profissional, levando-os para fora dos limites da universidade e garantindo, assim, uma formação docente efetivamente comprometida com a diversidade e a equidade educacional (Mendes, 2024).

## 6. CONCLUSÃO

Com base nos dados coletados e na análise realizada, foi possível identificar perspectivas que auxiliam na compreensão das dificuldades enfrentadas, como obstáculos na socialização e a acessibilidade em questões de apoio pedagógico no ambiente universitário. Essas percepções possibilitam reflexões relevantes sobre a temática, evidenciando como melhorias voltadas à inclusão podem ser implementadas, como maior acessibilidade aos setores de inclusão, e desenvolvimento de formação especializada para comunidade docente, influenciando positivamente tanto em sala de aula quanto nas metodologias adotadas pelos profissionais.

Ademais, considerando os objetivos desta pesquisa, é possível afirmar que foram atingidos, visto que a análise de dados permitiu compreender de forma mais ampla a experiência e o acolhimento oferecido pela instituição. Entretanto, constatou-se a falta de preparo da universidade no que diz respeito ao apoio pedagógico a esse público, evidenciando a necessidade de ações de melhoria em longo prazo, capazes de impactar positivamente a vida acadêmica de estudantes com TEA.

Outro ponto relevante refere-se às metodologias empregadas pelos docentes, o que suscita reflexões acerca da necessidade de especialização e formação continuada para o atendimento adequado a esse perfil de estudante. Ao investir em uma inclusão mais inovadora e efetiva no ensino superior, cria-se a possibilidade de expandir essa prática para o ensino básico, contribuindo para que a inclusão ultrapasse os limites da universidade e alcance toda a sociedade.

Portanto, esta pesquisa reforça a urgência de ações estruturais e pedagógicas que assegurem não apenas o acesso, mas também a permanência e o pleno desenvolvimento

acadêmico de estudantes com TEA. Para alcançar tal objetivo, é fundamental que as instituições de ensino superior repensem e atualizem suas grades curriculares, incorporando disciplinas e conteúdo que promovam a compreensão sobre o TEA, o desenvolvimento de práticas inclusivas e o preparo docente para lidar com a diversidade.

## REFERÊNCIAS

Santos, Ana C. L dos . **Transtorno do Espectro Autista (TEA): Um estudo Sobre as Percepções docentes e as práticas pedagógicas nos Anos Iniciais**, Trabalho de Conclusão de Curso, curso de Pedagogia- UNICEPLAC,2022.

Cordeiro, S.; Constant, E.; A. T. Ferreira. **Acesso e permanência de pessoas com autismo no ensino superior**. Revista teias, v. 24, n. 73, p. 112–128, 29 jun. 2023.

Canal, S.; Juliana; Santos. **Educação inclusiva no ensino superior**. Revista Diálogo Educacional, v. 24, n. 81, 6 jun. 2024.

Canal, S.; Rocha, Juliana Dos S; Dos Santos, A. M. **Educação inclusiva no ensino superior: anseios docentes e ações de suporte para estudantes com TEA**. Revista Diálogo Educacional, [S. l.], v.24, n.81, 2024.

Ciantelli, Ana Paula Camilo; Acuna, José Tadeu; Martins, Maria Helena Venâncio; Leite, Lúcia Pereira. **A atuação da psicologia escolar junto ao estudante universitário com transtorno do espectro autista**. In: IV CINTEDI - Congresso Nacional de Educação Inclusiva, 2020.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, 28 dez. 2012.

Contiero, Lucinéia; Nuss, Ana Mércia D. Da Silva; Fernandes, L. Da S. **Acolhimento e permanência do discente com autismo no ensino superior**. *Editora Realize*, 2022.

Flick, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

Favacho, Daniela G. De A.; Santos, Neiva C. Dos. **Vista do ensino-aprendizagem em ciências de alunos com transtorno do espectro autista**. *Revista Brasileira de pesquisa em educação e ciências*, 2023.

Bittencourt, I. G. De S.; Fumes, N. De L. F. **O cenário das pesquisas no âmbito das experiências de vida narradas por pessoas adultas com TEA**. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v.6, n.7, p. 47752–47765, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-424.

Figueiredo Walter, c. C.; Moreira, l. C.; Leite, l. P.; Dias, v. F. **Práticas de acolhimento na universidade evidenciadas nos discursos de estudantes com transtorno do espectro autista**. *Em Aberto*, 2024. DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.36i118.5854.

Ingridy, F.; Cavalcante, P.; Silva De Oliveira, R. **O ensino de química para alunos com autismo**. *Anais do Congresso Nacional de Educação*, 2019

Mendes, Vitória R. F. **O ensino de Química e o transtorno do espectro autista na formação de professores**. 2024. 40f. Monografia (Licenciatura em Química) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2024.

Cabral, Cristiane Soares.; Marin, Angela Helena. **Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura**. *Educação em Revista*, Porto Alegre, v. 33, 2017, artigo e142079. DOI: 10.1590/0102-4698142079.

Silva Neto, J. A.; Machado, A. C. H.; Nascimento, D. G. D.; Alves, M. R. R.; Ramos, V. D. **G. Percepção de inclusão por estudantes com o Transtorno do Espectro Autista no ensino superior**. *Brazilian Journal of Development (BJD)*, 2023.

Pinto, B. B.; Maciel, M. C. R.; Silva, P. O.; Silva, M. R. F. **Desafios enfrentados no processo de inclusão de indivíduos com transtorno do espectro autista no âmbito universitário**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, e31010414189, abr. 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14189.

Silva, n. V. Da; leão, m. F.; lima, m. G. De. **Inclusão de alunos com autismo em aulas de química: levantamento das metodologias de ensino de acordo com a produção científica atual.** Revista destaques acadêmicos, v. 15, n. 2, 25 set. 2023

**Uma pergunta que abre portas: questão sobre autismo no Censo 2022 possibilita avanços para a comunidade TEA.** Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/noticias-por-estado/36346-uma-pergunta-que-abre-portas-questao-sobre-autismo-no-censo-2022-possibilita-avancos-para-a-comunidade-tea>>.

Wébia, C. **Perspectiva inclusiva no ensino de química para alunos com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades.** Ifg.edu.br, 2022.

Figueiredo Walter, c. C.; Moreira, l. C.; Leite, l. P.; Dias, v. F. **Práticas de acolhimento na universidade evidenciadas nos discursos de estudantes com transtorno do espectro autista.** *Em Aberto*, 2024. DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.36i118.5854.

Bardín, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2016.

Rodrigues, m.; Bernardino, j. L. F.; Moreira, m. V. **Barreiras atitudinais: A exclusão que limita a acessibilidade de pessoas com deficiência.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, 2022.

## Apêndice A

### Questionário Investigativo

PROJETO DE PESQUISA: **A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO**

Prezado Colega,

Esta pesquisa na qual você está sendo convidado visa estudar **A Percepção de estudantes com TEA sobre o processo de inclusão e permanência no âmbito universitário** ela está inserida em um trabalho elaborado na disciplina de Pesquisa em Ensino de Química II do Departamento de Química na Universidade Federal de Sergipe Campus Professor Alberto Carvalho, como condição parcial para a aprovação na disciplina e para a elaboração do trabalho de conclusão de curso. Os estudantes serão convidados a participarem do estudo por meio de um convite feito via e-mail e/ou por convites via mídia social. Os contatos dos mesmos serão adquiridos junto ao setor Institucional do campus SAID. A coleta dos dados será realizada presencialmente com o auxílio do questionário abaixo.

**Perfil do participante:**

1) Qual o gênero?

Masculino

Feminino

Outro

2) Qual sua idade?

3) Qual curso você está Inserido?

4) Qual período/semestre você está no momento atual?

5) Em que momento você foi diagnosticado com TEA?

**Percepção Sobre o Processo de Permanência na Universidade:**

1) Qual foi o maior desafio que você encontrou quando iniciou sua graduação?

2) Ao estudar as disciplinas você precisou de algum suporte pedagógico? Se sim, descreva como funcionou todo esse processo.

3) Você gosta de estudar sozinho ou com os colegas? Descreva um pouco sobre isso.

- 4) Você considera que a instituição ofereceu o acolhimento adequado/condições para o seu desenvolvimento? Justifique?
- 5) Qual é sua percepção sobre o “olhar” dos professores em relação a sua necessidade?
- 6) Descreva quais são os pontos positivos que você encontrou durante sua graduação? O TEA influenciou em tais pontos?
- 7) E quais foram os mais negativos? O TEA influenciou em tais pontos?
- 8) Quais estratégias você sugere que a instituição ofereça para apoiar o desenvolvimento de estudantes com TEA?

### **APÊNDICE B- Tabela de Respostas**

As tabelas de questões e respostas estão divididas em questões em negritos acima da tabela, logo abaixo as respostas entregues a pesquisa e ao lado um código para facilitar a compreensão dos dados

<b>Pergunta feita no questionário</b>	
<b>P(Participante)</b>	<b>Resposta do participante</b>

<b>1) Qual foi o maior desafio que você encontrou quando iniciou sua graduação?</b>	
<b>P1</b>	A turma que eu fiz parte, foi caloura (teve o primeiro período) de forma online, pois estávamos vivenciando o período da Pandemia. Nisso, eu tive dificuldade de compreender que eu de fato estava tendo aulas e professores e atividades e que aquilo era um curso. Acredito que por conta da minha dificuldade de lidar com coisas novas e não concretas. Quando as aulas passaram a ser presenciais, encontrei um desafio enorme devido a uma questão física (pois tenho instabilidade femuropatelar dolorosa, o que significa que o osso do joelho sai do lugar, e também sinto dor) e devido isso, me deslocar todos os dias de ônibus, da cidade de onde moro até a universidade era algo que me fazia sentir muita dor nas viagens, além de ter escadas para subir e chegar na sala de aula, mesmo com ajuda de alguns, eu chorava de dor.
<b>P2</b>	fazer qualquer trabalho relacionado ao laboratório, pois não tinha nenhuma informação prévia do que fazer, bem como, a professora não tinha interesse em explicar e muito menos empatia comigo ou com qualquer colega de estudo.
<b>P3</b>	Primeiro, como eu sou uma pessoa muito tímida, sempre foi um pouco da minha característica. Então, foi mais ou menos a comunicação com a minha turma. Que às vezes

	eu estava em um grupo, mas eu falava menos, ou não falava nada.
--	---

Fonte: Autor, 2025.

<p><b>2) Ao estudar as disciplinas você precisou de algum suporte pedagógico? Se sim, descreva como funcionou todo esse processo.</b></p>	
<p>P1</p>	<p>A primeira foi a DAIN (Divisão de Ações Inclusivas, que no campus em que estudo, Itabaiana, não tem de forma presencial, mas o pessoal da DAIN de São Cristóvão me dava suporte online). No início o suporte era em relação a alocar minhas salas de aula no térreo por conta de minha mobilidade reduzida que já mencionei, a DAIN junto com a DIACI (Divisão Acadêmica de Itabaiana) que resolvia isso. E a DAIN também me dava apoio emocional diante de algumas adversidades. Além de algumas colegas de turma (como quando tinha crises e uma querida ia atrás de mim me ajudar no banheiro) e professores (como o chefe do departamento que sempre disponível a me ouvir e compreender, como quando sofri bullying por conta da religião, ou sofria nas aulas devido ao meu comprometimento na comunicação, e também como exemplo, mudança de avaliação por conta de por exemplo, numa prova que interpretei a questão literal e respondi literalmente o que pedia, mas no período seguinte a professora fez as questões mais claras de entender). Após o 6º período do curso, que foi quando descobri o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), estava precisando de psicóloga, mas não tive como ter acesso à psicóloga da UFS porque o horário em que ela atendia (tarde) eu não podia ir, por um tempo, consegui pelo SUS uma psicóloga que me ajudou muito em vários sentidos, Terapeuta Ocupacional que me ajudou a usar abafadores nas aulas pra que eu não chegasse em casa com a cabeça doendo ou não ter sobrecarga sensorial e Fonoaudióloga que buscou me auxiliar em algumas coisas relacionadas a comunicação, assim elas me ajudaram muito em relação à universidade e o TEA. Após isso, no final do curso, graças a Deus o SAID (Setor de Acessibilidade, Inclusão e Diversidade) chegou ao Campus de</p>

	Itabaiana onde eu estudava, mesmo não estando aberto no período da noite (horário que estava na UFS) tive muito suporte emocional online em algumas crises. Essa foi a fase mais difícil, mas tive professoras que adaptaram avaliações e atividades para que eu conseguisse dar conta. E a DAIN conseguiu pra mim uma bolsista online, pra me ajudar com a monografia que estava escrevendo, pois o professor orientador identificava meus déficits relacionados ao Autismo que afetava a escrita do TCC, mas precisava de mais ajuda, e o suporte da bolsista foi de extrema necessidade, foi fundamental para que eu conseguisse concluir aquele trabalho.
P2	não tive nenhum suporte, não tinha informação sobre minha condição.
P3	Assim, o único suporte que eu tive era monitoria mesmo, para tirar dúvidas. Isso é só da disciplina. A minha dificuldade vai depender da disciplina.  lá no primeiro período, atrás de suporte. Aí, no caso, era só assim, eu tentava ir atrás de monitor mesmo, como é que eu fiz lá no período passado.

Fonte: Autor, 2025.

<b>3) Você gosta de estudar sozinho ou com os colegas? Descreva um pouco sobre isso.</b>	
P1	<p>“...gosto quando tenho suporte, porque tenho dificuldade de interagir nos assuntos que não, não me interessa (as pessoas dizem que não tenho "filtro" no que falo então entre colegas pode gerar coisas ruins em grupo) ...”</p> <p>E tenho comprometimento na linguagem pragmática (pensamento literal) então quando interpreto literal as coisas em grupo, se não compreenderem isso fica difícil a interação, tipo não me explicar as coisas, me dar dicas do que fazer nos momentos etc. Mas também gosto muito de estar acompanhada em atividades que sinto dificuldade, como foi o exemplo da bolsista e dos estágios.</p>

	Assim gosto, mas de estudar sozinha, quando é algo que tenho domínio, que não preciso de ajuda.
P2	gosto de fazer minhas coisas sozinho, principalmente se for atividade escolar. Sempre tive dificuldade de fazer amizades, assim, acostumei-me a desenvolver o hábito de fazer minhas tarefas sozinho. até um dia desses, achei que fazia parte dos grupinhos (tem vários grupos em uma sala: ex: barraqueiros, populares, e os nerds esquisitões) este último eu sempre fazia parte, e geralmente só eu fazia parte desse "grupinho"
P3	“Então, pra explicar isso, eu geralmente estudo sozinha...”

Fonte: Autor, 2025.

<b>4) Você considera que a instituição ofereceu o acolhimento adequado/condições para o seu desenvolvimento? Justifique?</b>	
P1	<p>Eu considero que a UFS me ofereceu o que ela tinha, o que era possível no momento. Pois foi o que vivenciei, como a DAIN me dar suporte online devido não ter no meu campus de forma presencial, ou quando o SAID chegou, e me deu assistência online devido não estar no campus no mesmo horário que eu, colegas lidarem da forma que sabiam lidar no momento, professores agindo da forma que sabiam agir.</p> <p>Se foi adequado, creio que não, pois não há conhecimento suficiente, preparo, e recursos, meios de dar suporte a nós, pessoas com Deficiência.</p>
P2	uma vez diagnosticado, acredito que, uma vez que procure meus "direitos", terei bastante apoio da instituição. porém, acho de difícil acesso tais informações.
P3	“Nessa questão de TEA não teve um acolhimento voltado pra isso, né? Pra essa temática da TEA, não teve, né...”

Fonte: Autor, 2025.

<b>5) Qual é sua percepção sobre o “olhar” dos professores em relação a sua necessidade?</b>	
P1	<p>O olhar deles, segundo minha visão, é de que eu sou inteligente, então não devo me atentar a deficiência, mas segundo minha experiência, minha inteligência não exclui minha deficiência. Me dá entender também que podem pensar que uso o diagnóstico para me vitimizar (já ouvi isso de colegas), que quero facilidades ou algo assim. O que não é verdade. Além do que suponho sobre como eles enxergam: Eu vejo que tem professores que não sabem lidar, não conhecem o Autismo, acham que o TEA ocorre numa criança que tem Deficiência Intelectual. Vejo professores dispostos a aprenderem e modificarem suas práticas também, mas precisam de preparo pra isso.</p>
P2	<p>sempre tive problema de tempo. Rápido, rápido, você tem de ser mais rápido ou não conseguirá o objetivo de hoje. Como convivo em sociedade normalmente (na medida do possível), nunca houve uma conversa sobre eu ter alguma condição, e alguma necessidade da parte dos professores para mim e da parte de mim para os professores. Quase sempre conseguir os meus objetivos sozinho, algumas vezes me destacando positivamente e negativamente. Sendo sincero, tenho certeza de que meus antigos professores, ao menos a maioria, caso seja confrontado com a informação que eu tinha alguma condição (no caso TDAH/ Autismo leve), acredito que eles não iriam acreditar e até debochar, mas não importa.</p>

P3	<p>“Eu acho que tem uns que sabem. Inclusive, um professor do período passado, ele botava... Pronto, o restante da turma termina a prova 8h30, mas ele botava para quem tem necessidade especiais, foi de... Deixa-me ver, eu acho que foi até, se não me engano, 10h00 ou 9h30.” Eu acredito que eles entendam que eu sou muito calada porque eu comento pouco na sala de aula para responder as perguntas deles. Não é todo mundo que responde o professor, mas eles devem saber que eu tenho autismo e... Deixa-me ver.</p>
----	--

Fonte: Autor, 2025.

<b>6) Descreva quais são os pontos positivos que você encontrou durante sua graduação? O TEA influenciou em tais pontos?</b>	
P1	<p>1- Eu poder escrever minha monografia do tema que mais amo, a Bíblia (no caso, ter tido um orientador que aceitou o tema). Sim, o TEA influenciou nisso porque sendo rígida, persisti no que queria. 2- Um ponto positivo na graduação foi que ao cursar o 6º período como falei, que foi o tempo em que descobri o diagnóstico, foi por conta de que eu estava cursando uma disciplina na temática da inclusão, e quando vi o nome "Autismo" lembrei de um sobrinho autista, e me interessei no assunto, fiquei obcecada pelo tema, estudei muito sobre, me identifiquei, e fui buscar investigar isso, fazer avaliações, consultas, até que tive o diagnóstico comprovado. Si, o Autismo também influenciou, pois o tema virou meu hiperfoco e assim eu descobri o diagnóstico</p>
P2	<p>Pontos positivos: minha percepção sobre o que eu posso fazer sozinho intelectualmente melhorou bastante, minha habilidade para fazer trabalhos visuais, oratória em público e trabalho em conjunto também melhoraram bastante. Adorava fazer projetos, dedicava muito tempo da minha neles. acredito que a parte do foco ficava bastante aguçados. Não lembro de muita coisa positiva, talvez por conta das pancadas que acabei tomando kk,</p>

	mas passei bons. Faz parte.
P3	Deixa-me ver. Durante minha graduação até agora... Consegui pelo menos ter amizade com... Formei amizade com o pessoal. Tenho uma boa relação com a minha turma. Também a monitoria me ajudou muito a... A passar em P1 (Programação 1). Porque ele vai abrir as portas para o meu curso. Eu não sei dizer se foi o TEA, mas eu posso dizer que eu acho que houve um desenvolvimento, um pequeno passo. Sabe?

Fonte: Autor, 2025.

<b>7) E quais foram os mais negativos? O TEA influenciou em tais pontos?</b>	
P1	1- Interação Social - sim, o TEA impactou tristemente nisso, muitas vezes quis desistir do curso, precisei voltar para o psiquiatra e tomar medicação pra aguentar finalizar a monografia, fui parar em, hospital, tive crises nas aulas que fui ao banheiro e fiquei paralisada, a prof. foi me procurar e ajudar 2 - a intolerância religiosa - o TEA pode ter influenciado porque sendo "sem filtro" eu só queria falar de Bíblia (meu hiperfoco - eu amo) - mas também houve bullying por parte de pessoas 3- saúde - o TEA influenciou no quesito de que eu aguento menos coisas que os outros em alguns pontos 4 - o curso é muito raso, não me sinto nada pedagoga nem preparada pra usar esse diploma, é cheio de ideologias e não vejo usarem tanto as horas árduas desses 4 anos pra de fato um conhecimento útil e sólido.
P2	Tempo. sempre tudo corrido, sempre tudo ao redor se torna prioridade. Isso acaba com a concentração e a pouca organização que tinha. Fiz poucos amigos, assim como sempre, sei que foi uma dificuldade que sempre tive, acredito que minha condição tenha contribuído. Em certo momento, no final da minha participação presencial na universidade, desenvolvi algumas fobias, evitava sair de casa, principalmente para ir à universidade. Ia para ela sempre quando necessário e voltava para casa o quanto antes. Esse fato é interessante, visto que nos dois primeiros períodos da minha graduação, quase sempre, chegava 8h e saía 22h ou

	21h. presava sempre por essa rotina. Após a pandemia, essa rotina nunca mais foi a mesma e quase nunca entrava na biblioteca, algo impensável até o 2º período
P3	Então essa é a questão mais ou menos da comunicação. O que eu vou ler a pouco a pouco, não sei se tem uma resposta boa para essa pergunta, mas quando estiver em turmas diferentes e eu não conseguir desenvolver minhas amizades com eles, porque tem pessoal que está com um grupinho já, porque...Sem contar também que às vezes tem grupos que eu não identifico muito na relação com a turma, sabe? Só o nervosismo na hora de apresentar, sabe? Sim e não ao mesmo tempo. Porque devido ao problema de socialização, interação social, eu acho que o nervosismo já vem junto, sabe?

Fonte: Autor, 2025.

<b>8) Quais estratégias você sugere que a instituição ofereça para apoiar o desenvolvimento de estudantes com TEA?</b>	
P1	No Campus de Itabaiana, creio ser necessário ter: 1- Conscientização e preparo a respeito do Autismo por toda a comunidade acadêmica, não só professores, mas é muito necessários os colegas de turma também conhecerem sobre, e terem preparo para saber agir. 2- Bolsistas presencialmente para dar apoio quando necessário, em realização de atividades como monografia, por exemplo. 3- O SAID estar ativo na Universidade em horários que pessoas com Deficiência necessitam, como a noite por exemplo. 4- O SAID junto com a DAIN e os departamentos poderiam desenvolver algum projeto relacionado ao desenvolvimento de habilidades dos alunos com TEA, pois eu como exemplo, já erreí muito em quesito de comunicar as coisas, não por maldade, mas por não saber mesmo como se expressar, creio que se tivesse uma ação de ajudar os Autistas quanto à interação social ia ser bom, pois a inclusão é como dizem “uma via de mão dupla”. 5 - Ter psicóloga no período noturno para dar suporte aos alunos que só podem estar esse horário na universidade.

P2	O principal fator: acompanhamento psicológico. Eu só descobrir que tinha tal condição, depois de meu companheiro de casa (lá ele) e minha namorada praticamente me obrigarem a ir a uma consulta psicóloga da UFS. Após identificar minha condição, pude tentar desenvolver algumas "manhas/artifícios" pra me ajudar nas coisas do dia a dia
P3	Eu acredito que, pronto, as monitorias ajudam muito que ofereça elas para disciplinas que exigem muito esforço e... Pronto, disciplinas que trazem muita reprovação. E como a maioria exige...

Fonte: Autor, 2025.

<b>Por fim, descreva de modo geral como foi (ou como está sendo) sua jornada acadêmica e como o TEA influenciou nela.</b>	
P1	De modo geral, minha jornada acadêmica foi exaustiva, traumatizante, pesada, prejudicial, só não sinto que inútil porque eu gosto muito da minha monografia, gostei muito de ter tido a Bíblia comigo durante esse processo, da oportunidade de criar um mural de poesias lá perto da biblioteca, de no meio disso descobrir meu diagnóstico. O TEA influenciou na minha jornada tornando as coisas bem difíceis, mas também me ensinando coisas da vida, como por exemplo, reconhecer minha pequenez cada vez mais, e entender o porquê eu era “diferente, estranha e complicada”. Saber o porquê das dificuldades que eu tinha ajudou a lidar com elas.
P2	Minha carreira acadêmica é/foi cheia de coisas boas e ruins. quando eu gosto do que vou fazer, simplesmente faço com toda a dedicação do mundo, mas se o professor começar a brigar comigo, minha mente para na hora, simplesmente fica impossível dar continuidade a tarefa em questão. isso talvez aconteça por conta da minha condição, ou só por incompetência meu mesmo.
P3	Bom, esse trabalho foi muito bom, e é muito importante também para conhecer como é que se passa a universidade, principalmente para as pessoas do espectro autista, as dificuldades que elas estão passando, ou o que elas conseguiram, superaram os desafios. E

	aqueles que, assim, ainda se sentem em dificuldades ou não são acolhidos, trazem umas mudanças significativas, como não só a UFS, como também o pessoal que é dentro dela. Tipo, na questão de inclusão, é tipo, dizer que existe inclusão, mas acolher, incluir de verdade mesmo.
--	--

Fonte: Autor, 2025.

## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA ESTUDO: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

*Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Trata-se de uma pesquisa vinculada ao Departamento de Química Licenciatura do Campus Professor Alberto Carvalho.*

Eu, ( \_\_\_\_\_ ), portador da Cédula de identidade, RG \_\_\_\_\_, e inscrito no CPF/MF \_\_\_\_\_ nascido(a) em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES COM TEA SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

**Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.**

Estou ciente que:

- I) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- II) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico.

III) Os resultados obtidos durante a entrevista serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;

IV) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Colaborador \_\_\_\_\_

**Testemunha:** \_\_\_\_\_

Nome / RG / Telefone

**Responsável pelo Projeto: Victor Manoel Santos Calixto**

**Telefone/e-mail para contato:** victor02@academico.ufs.br

